

O PAPEL DO ESTUDANTE DE MEDICINA NA PROMOÇÃO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE REPRODUTIVA PARA ADOLESCENTES

Gabrielle Goulart Balthazar¹; Pedro Henrique Nascimento Ornelas¹; Dayanne Cristina Mendes Ferreira Tomaz Infante²

¹ *Discente do Curso de Medicina, UNIFESO;*

² *Professor orientador, Curso de Medicina, UNIFESO.*

RESUMO

O presente estudo trata-se de um relato de experiência acerca do desenvolvimento de atividades com o tema de saúde reprodutiva, Infecções Sexualmente Transmissíveis, gravidez indesejada e métodos contraceptivos por meio de práticas educativas com adolescentes. O artigo objetivou descrever o significado da realização de práticas de educação por estudantes do Curso de Graduação em Medicina para um grupo de adolescentes, com o tema de saúde reprodutiva. A pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, foi conduzida entre março e junho de 2024 em uma escola municipal e uma comunidade na região serrana do Rio de Janeiro. Para a realização da estratégia foram utilizadas ferramentas como carta de demanda, rodas de conversa e observação participante. Os dados retratam os significados da participação discente na produção de temas pertinentes à saúde. Os resultados demonstraram que atividades educativas contribuíram para a prática de informação em saúde entre os adolescentes, embora estigmas e barreiras culturais tenham limitado as discussões. O estudo conclui que a atuação dos estudantes de medicina como educadores contribui para uma formação mais humanística e capacita o público adolescente a atuar como agentes da mudança em suas próprias esferas sociais, difundindo a cultura de escolhas conscientes e seguras. Apesar das limitações geográficas e amostrais, o estudo reforça a importância da prática discente e fortalece a ideia de um modelo eficaz e adaptável para intervenções futuras, reforçando a importância de práticas educativas acessíveis e contextualizadas na saúde pública.

Palavras-chave: Adolescente; Anticoncepção; Educação Sexual; Saúde Coletiva.

INTRODUÇÃO

Este artigo versa a respeito do papel dos estudantes de medicina na promoção da educação em saúde reprodutiva para adolescentes, que se apresenta como uma pauta de crescente atenção no Brasil, especialmente no contexto escolar e comunitário. A saúde reprodutiva é reconhecida como um direito fundamental desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos (OMS, 1978), que deve ser assegurada desde a adolescência, uma vez que é um período da vida em que muitos indivíduos iniciam sua vida sexual. No que diz respeito aos adolescentes, configuram um público em um estágio de transição marcado por profundas mudanças físicas, psicológicas e sociais, o que os expõem a uma grande vulnerabilidade. Por conseguinte, a promoção da saúde reprodutiva emerge como uma estratégia essencial para garantir que estes tomem decisões conscientes e responsáveis sobre a sua saúde.

De acordo com o Ministério da Cidadania (Brasil, 2021), promover a educação sexual entre adolescentes é crucial para a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), gravidez precoce e outras questões de saúde reprodutiva. No entanto, esse público ainda enfrenta grandes barreiras no acesso a informações confiáveis, métodos contraceptivos e serviços de saúde de qualidade, o que compromete sua capacidade de exercer sua autonomia. A gravidez precoce, em particular, é um problema significativo de saúde pública que impacta diretamente o bem-estar físico, emocional e social dos adolescentes. Essa situação reflete não apenas a falta de informações adequadas sobre métodos contraceptivos, mas também barreiras sociais e culturais que dificultam a adesão a práticas preventivas.

Nesse cenário, os estudantes de medicina têm um papel transformador, pois podem atuar como agentes de mudança ao promover a educação em saúde reprodutiva de maneira inclusiva e acolhedora. Por meio de intervenções educativas em escolas e comunidades, esses graduandos têm a oportunidade de aliar o conhecimento técnico à sensibilidade necessária para lidar com as questões biopsicossociais que permeiam a saúde reprodutiva dos adolescentes. Como aponta o Ministério da Saúde (Brasil, 2022), a educação em saúde desempenha um papel central na redução do estigma associado às ISTs, ao promover práticas seguras e acesso a métodos de proteção.

Desse modo, os estudantes de medicina podem atuar na redução das barreiras ao acesso à informação e aos serviços, não apenas empoderando os adolescentes, mas também contribuindo para a construção de uma sociedade mais saudável e informada, consolidando a educação em saúde como um pilar na promoção de escolhas conscientes e responsáveis.

JUSTIFICATIVA

A relevância deste estudo se sustenta na necessidade de abordar a vulnerabilidade dos adolescentes frente às ISTs e à gravidez precoce, problemas expressivos de saúde pública, possibilitando que os cenários vivos funcionem em via dupla. Isto é, considerando-se as experiências transformadoras vivenciadas durante a formação médica e a juventude que caracteriza a maioria dos estudantes, oportuniza-se que os futuros médicos atuem como promotores de conhecimento junto aos adolescentes, tornando acessíveis informações que muitas vezes são refutadas no ambiente familiar. Nesse sentido, as dificuldades que permeiam o acesso a informações claras e confiáveis, aliadas ao estigma e às barreiras associadas ao uso de métodos contraceptivos, reforçam a importância de intervenções educativas eficazes. Com isso, corrobora-se a relevância da discussão sobre a atuação dos estudantes de medicina na educação em saúde reprodutiva, capazes de promover práticas educativas que capacitam os adolescentes a exercerem sua autonomia de maneira responsável. Esta iniciativa responde a demandas reais da comunidade, fortalecendo tanto a saúde individual quanto coletiva.

OBJETIVO

Este artigo objetivou descrever o significado da realização de práticas de educação por estudantes do Curso de Graduação em Medicina para um grupo de adolescentes, com o tema de saúde sexual e reprodutiva.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A saúde reprodutiva, definida como o bem-estar físico, mental e social relacionado ao sistema reprodutivo, vai além da ausência de doenças e busca garantir que os indivíduos tenham uma vida sexual satisfatória e segura, com acesso abrangente a cuidados e informações adequados (Brasil, 2013).

Nesse contexto, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) configuram um grande desafio à saúde pública, sendo transmitidas principalmente por meio de atividade sexual desprotegida e abrangendo patógenos como vírus, bactérias e parasitas. A transmissão ocorre por contato com secreções corporais infectadas, como sêmen, fluidos vaginais e sangue, ou por feridas abertas na pele ou mucosas. Além disso, a transmissão vertical, de mãe para filho, pode impactar gravemente o recém-nascido, evidenciando a urgência de ações preventivas (Minas Gerais, 2017).

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) estima que mais de 1 milhão de novas ISTs são registradas diariamente no mundo, muitas vezes decorrentes da falta de acesso a métodos de proteção e à desinformação. A situação é particularmente alarmante entre jovens de 10 a 24 anos, que enfrentam tanto a alta incidência de ISTs quanto estigmas que dificultam o diálogo e a conscientização. Dados do Ministério da Saúde, apontam que, entre 2009 e 2019, essa incidência de ISTs aumentou em 64,9% entre jovens de 15 a 19 anos e em 74,8% na faixa de 20 a 24 anos (USP, 2019).

Nesse cenário, os estudantes de medicina assumem um papel transformador como educadores em saúde reprodutiva. Segundo Borges e Borges (2018), sua atuação em escolas e comunidades proporciona um ambiente acolhedor, onde adolescentes podem receber informações claras e confiáveis sobre métodos contraceptivos, ISTs e gravidez precoce. Essa interação educacional não apenas amplia o conhecimento dos jovens, mas também os capacita a exercer sua autonomia de maneira consciente e responsável, consolidando a educação em saúde como ferramenta essencial para a promoção do bem-estar coletivo.

METODOLOGIA

O presente artigo empregou uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, mediada pelo relato de experiência, em que entende-se por pesquisa qualitativa o enfoque numa abordagem interpretativa do mundo e da comunidade, buscando compreender os significados e as interações sociais dentro de seus contextos naturais (Denzin; Lincoln, 2006). Sob o viés descritivo, justifica-se por permitir o registro, a análise e a correlação de fatos e fenômenos que afetam a população, oferecendo uma compreensão detalhada da realidade em foco na pesquisa (Gil, 2007). Conforme Ibiapina (2008), a pesquisa também aplicou uma abordagem colaborativa, a partir da cooperação entre os pesquisadores e os participantes, valorizando o conhecimento e as experiências de todos os envolvidos.

Procedimentos de Coleta de Dados

A produção dos dados se deu entre março e junho de 2024, em uma escola municipal de ensino fundamental e uma comunidade de um município da região serrana do estado do Rio de Janeiro, no Brasil. O público-alvo deste estudo caracterizou-se por cerca de 65 estudantes de oitavo ano e 15 indivíduos pertencentes a uma

comunidade urbana de um município da região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, com todos os integrantes compreendendo uma faixa etária com extremos em 12 e em 19 anos.

Para a coleta de dados primários, o presente artigo centrou-se no emprego das estratégias de carta de demanda, rodas de conversa e observação-participante. Isto é, para um mapeamento inicial das carências nos cenários de prática e a interpretação das necessidades locais, fez-se uso da realização de uma carta de demanda (Gomes; Merhy, 2014), associando-a à elaboração de estratégias de intervenção sobre saúde reprodutiva. A aplicação de rodas de conversa, por sua vez, conforme respaldada pelos autores Wenger-Trayner e Wenger-Trayner (2015), foi crucial para a análise de conhecimento do público-alvo, para, assim, ser possível promover um ambiente participativo com a livre expressão de ideias e perspectivas. Já a observação participante é uma estratégia ímpar em pesquisas qualitativas, caracterizada pela inserção ativa do pesquisador no campo de estudo para uma interação direta com os sujeitos e o ambiente pesquisado, permitindo-o ser ao mesmo tempo um observador crítico e um participante das dinâmicas sociais (Minayo, 2014).

Durante o desenrolar da experiência, os estudantes foram aproximados das diretrizes do Ministério da Saúde, Ministério da Cidadania, cartilhas de saúde e outras fontes amplamente consolidadas no meio acadêmico-científico.

Procedimentos de Análise de Dados

Para a análise dos dados coletados neste estudo, foram utilizadas técnicas qualitativas para garantir uma compreensão abrangente e detalhada dos resultados. A interpretação dos materiais coletados centrou-se na compreensão das demandas apresentadas pelos participantes, nas perguntas mais frequentes e seus tipos, de acordo com a metodologia de Bardin (2019), que destaca o papel da análise do material obtido para possibilitar uma interpretação qualitativa.

Através desse estudo dos dados, foi possível comparar os questionamentos, buscando padronizar e dimensionar o entendimento dos participantes em relação à saúde reprodutiva, com base no método de Minayo (2022), contribuindo para a reflexão sobre as possíveis lacunas de conhecimento. A triangulação de dados qualitativos assegurou uma análise sólida e detalhada, de maneira a aprofundar a compreensão dos estudos.

Etapas da Pesquisa

Etapa 1: Planejamento e Definição do Projeto

Nesta etapa inicial, foi realizada a definição do projeto de pesquisa, com o estabelecimento dos objetivos centrais, as metodologias e as técnicas de coleta de dados a serem empregadas. A partir disso, planejou-se um cronograma inicial.

Etapa 2: Construção do Embasamento Teórico

Nessa fase, foi realizada a revisão da literatura sobre saúde reprodutiva, com enfoque no público adolescente, e o papel dos estudantes de medicina na promoção do ensino em saúde. A revisão teórica permitiu compreender os principais desafios enfrentados pelos jovens em relação ao acesso a informações sobre saúde reprodutiva e os prováveis problemas de pesquisa a serem encontrados, visando, assim, uma perspectiva comparativa prévia aos pesquisadores. A construção do embasamento teórico também envolveu a exploração das metodologias de ensino e aprendizagem que são mais eficazes no contexto escolar e comunitário para o público-alvo.

Etapa 3: Mapeamento e Avaliação Inicial do Cenário

Na etapa de mapeamento e avaliação inicial do cenário foram identificados os assuntos fragilizados em relação à saúde reprodutiva na instituição de ensino e na comunidade, com foco nas demandas apresentadas pelos adolescentes. Foram realizadas visitas a esses cenários para entender as carências locais e as expectativas dos adolescentes sobre as atividades educativas. A partir dessa avaliação, foi possível planejar as intervenções, ajustando as atividades às necessidades específicas da comunidade.

Etapa 4: Coleta de Dados

Nesta etapa, os pesquisadores coletaram dados primários a partir das estratégias de carta de demanda, rodas de conversa e observação-participante. Já os dados secundários foram coletados por meio da seleção de materiais confiáveis, sob o critério de selecionar fontes amplamente consolidadas no meio acadêmico-científico relacionadas ao tema.

Etapa 5: Análise de Dados

Após a coleta de dados, iniciou-se uma análise qualitativa buscando compreender as demandas e lacunas de conhecimento dos participantes sobre saúde reprodutiva. A triangulação de dados garantiu uma análise sólida, permitindo a comparação e interpretação dos questionamentos em um contexto mais abrangente e detalhado.

Etapa 6: Interpretação dos Dados Analisados e Intervenções

A partir do mapeamento do cenário de prática e o rastreamento de suas demandas específicas, realizou-se a organização de palestras, rodas de conversa e oficinas sobre os temas marcados por maior desinformação, encontrando-se a necessidade de abordagem de questões como os métodos contraceptivos e a prevenção de ISTs.

Procedimentos éticos

Este trabalho, de natureza qualitativa e descritiva, não envolveu a coleta de dados sensíveis ou intervenções com seres humanos que exigissem submissão ao Comitê de Ética, conforme a Resolução CNS nº 510/2016. O estudo foi submetido à apreciação do comitê de Ética e Pesquisa do UNIFESO, sendo aprovado sob o parecer da CAAE 78229924.6.0000.5247.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cerca de 80 indivíduos compuseram a amostra deste estudo, compreendendo uma faixa etária marcada por extremos em 12 e em 19 anos. Destes, 65 participantes (81,25%) compreendem a amostra engajada em atividades proporcionadas numa escola municipal do ensino fundamental e 15 participantes (18,75%) em relação as realizadas em uma comunidade, ambas localizadas em um município na região serrana do Rio de Janeiro, no Brasil. A percepção desses adolescentes sobre a saúde reprodutiva foi o foco central da pesquisa, enquanto os aspectos investigados incluíram o nível de conhecimento prévio sobre métodos contraceptivos e as atitudes em relação ao uso de ferramentas anticoncepcionais.

O viés qualitativo e descritivo da pesquisa proporcionou uma compreensão detalhada das dinâmicas sociais e culturais desses adolescentes, permitindo identificar as principais lacunas de conhecimento e obstáculos culturais relacionados à saúde reprodutiva. A interpretação dos resultados foi baseada na análise qualitativa dos dados coletados. Os resultados mostraram que as atividades educativas realizadas pelos estudantes de medicina contribuíram significativamente para a mudança de atitudes em relação à saúde reprodutiva entre os adolescentes, com destaque para a conscientização sobre métodos contraceptivos e prevenção de ISTs. No entanto, também foram identificados desafios, como a resistência de alguns adolescentes a discutir abertamente esses temas, em razão da dificuldade de romper com os estigmas relacionados a esse assunto.

A abordagem colaborativa adotada no projeto, ao envolver os adolescentes de forma ativa nas atividades educativas, foi fundamental para tornar o aprendizado mais significativo. O envolvimento e adesão da instituição de ensino e da comunidade foi essencial, pois proporcionou o espaço e a oportunidade para que os pesquisadores pudessem abordar o tema diretamente com os alunos e moradores locais, permitindo, assim, a valorização do conhecimento tanto dos pesquisadores quanto do ambiente pesquisado e seus sujeitos. Essa abordagem permitiu uma compreensão rica e contextualizada das percepções e experiências dos participantes, proporcionando uma visão mais completa dos resultados e sua validação.

Por meio da utilização de cartas de demanda, rodas de conversa e observação-participante, foi possível identificar de maneira precisa as dúvidas, preocupações e os principais desafios enfrentados pelos adolescentes na garantia do acesso à educação em saúde reprodutiva. As atividades de rodas de conversa, em especial, se mostraram eficazes para criar um espaço de troca livre de julgamentos, onde os estudantes de medicina puderam atuar como facilitadores, esclarecendo dúvidas e promovendo discussões mais profundas sobre temas essenciais. Com isso, observou-se a importância da educação continuada sobre saúde reprodutiva e a capacidade dos jovens de tomar decisões conscientes sobre o próprio bem-estar e saúde sexual.

As atividades desenvolvidas durante o período de março a junho de 2024, como palestras, oficinas e rodas de conversa, mostraram-se eficientes para reduzir as lacunas de conhecimento entre os jovens, ampliando a conscientização sobre a promoção de saúde reprodutiva para adolescentes. O envolvimento direto dos estudantes de medicina foi essencial para que o conteúdo fosse transmitido de forma acessível e em sintonia com as realidades locais, o que permitiu uma melhor compreensão e assimilação dos temas abordados. A promoção de um ambiente participativo foi fundamental para o sucesso do trabalho, pois garantiu que os adolescentes não apenas recebessem informações, mas também tivessem a oportunidade de compartilhar suas próprias experiências e perspectivas, o que contribuiu para um aprendizado mais ativo e contextualizado.

A conclusão do estudo reforçou a importância de integrar essas práticas educativas no currículo do curso de medicina, para formar futuros médicos capacitados a atuar na promoção de saúde reprodutiva em diferentes contextos. Mais do que isso, a atuação dos estudantes de medicina como educadores, além de contribuir para uma formação mais humanística, permite que a partir de intervenções, como empregadas no estudo, o público adolescente seja transformado em agentes da mudança em suas próprias esferas sociais e que, assim, se prolifere a cultura de escolhas conscientes e seguras.

Por fim, a análise dos resultados evidenciou que, apesar dos avanços, ainda existem barreiras culturais que dificultam o acesso dos adolescentes à educação em saúde reprodutiva, como o estigma associado ao tema e a falta de diálogo aberto sobre esse tema nas comunidades. No entanto, as intervenções realizadas ajudaram a superar parcialmente essas barreiras, promovendo um ambiente mais aberto e receptivo para discussões sobre saúde reprodutiva. A experiência demonstrou que, quando bem conduzidas, as ações educativas podem efetivamente transformar atitudes e comportamentos, contribuindo para escolhas mais responsáveis e conscientes dos adolescentes em relação à sua saúde reprodutiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa reafirma a importância crítica da educação e conscientização a respeito da saúde reprodutiva, com ênfase nos métodos contraceptivos, ISTs e gravidez indesejada, especialmente entre os adolescentes. Afinal, este grupo etário enfrenta grandes entraves no acesso à educação sexual, como a desinformação, estigmas, barreiras sociais e culturais relacionadas à saúde reprodutiva. Nesse sentido, sublinha-se a eficácia e relevância do papel dos estudantes de medicina na promoção da educação em saúde reprodutiva, evidenciada a capacidade destes na promoção de um ambiente que instiga o engajamento, além de facilitar a comunicação aberta e a aprendizagem sobre o assunto.

A aplicabilidade da pesquisa é evidente em contextos educacionais e comunitários, onde a adaptabilidade e a educação são ferramentas fundamentais para a promoção da saúde pública. O estudo comprovou a relevância de práticas educativas dinâmicas como um catalisador para mudanças comportamentais, incentivando atitudes mais responsáveis e conscientes em relação à métodos contraceptivos, gravidez indesejada e prevenção de ISTs, além de capacitar os indivíduos a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades.

As limitações da pesquisa, por sua vez, incluem a restrição geográfica e o tamanho da amostragem, que restringem a generalização dos resultados para outras regiões ou populações. Além disso, a análise qualitativa, embora rica na construção do conhecimento, não permite uma quantificação precisa do impacto das intervenções realizadas e, em pesquisas futuras, representam um ponto de fragilidade, com a necessidade de expandir o escopo geográfico e demográfico, bem como incorporar métodos quantitativos para mensurar o impacto das estratégias educativas com uma maior precisão.

Em suma, o estudo conclui como a educação em saúde articulada de forma interativa e contextualizada desempenha um papel ímpar na promoção da educação em saúde reprodutiva. Afinal, as metodologias empregadas se mostraram eficazes na construção do conhecimento científico e na conscientização sobre educação sexual, reafirmando a importância de abordagens educativas que sejam acessíveis, inclusivas e culturalmente adequadas. Assim, essa pesquisa não apenas atua nos déficits da educação em saúde reprodutiva entre os jovens, como também propõe um modelo eficaz e adaptável para futuros projetos na abordagem do processo informativo e profilático de saúde reprodutiva.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2019.

BORGES, Maria Clara; BORGES, José Alberto. Discursos normativos e religiosos na sexualidade adolescente: uma abordagem educativa. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 12, n. 3, p. 321-333, 2018. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v12n3/v12n3a09.pdf>.

BRASIL. **Guia de orientação sobre prevenção à sexualização precoce**. Ministério da Cidadania, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/publicacoes/desenvolvimento-social/GUIASNAPI3.pdf>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 300 p. (Cadernos de Atenção Básica, nº 26). Disponível em: <https://www.saude.gov.br/bvs>.

BRASIL. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/pcdts/2022/ist/pcdt-ist-2022_isbn-1.pdf.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, I. O. **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, R.; MERHY, E. **A saúde como um processo social: reflexões sobre a prática e a formação em saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa: uma Abordagem Dialógica no Ensino e na Aprendizagem**. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. **Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)**. Disponível em: <https://www.saude.mg.gov.br/ist>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre saúde sexual e reprodutiva**. Genebra: OMS, 2019.

WENGER-TRAYNER, Etienne; WENGER-TRAYNER, Beverly. **Introduction to communities of practice: A brief overview of the concept and its uses**. 2015. Disponível em: <https://www.wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice/>.